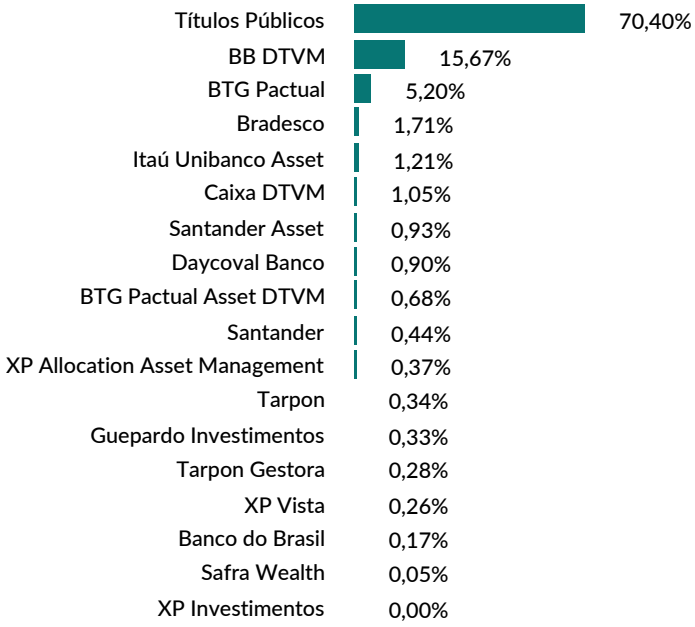
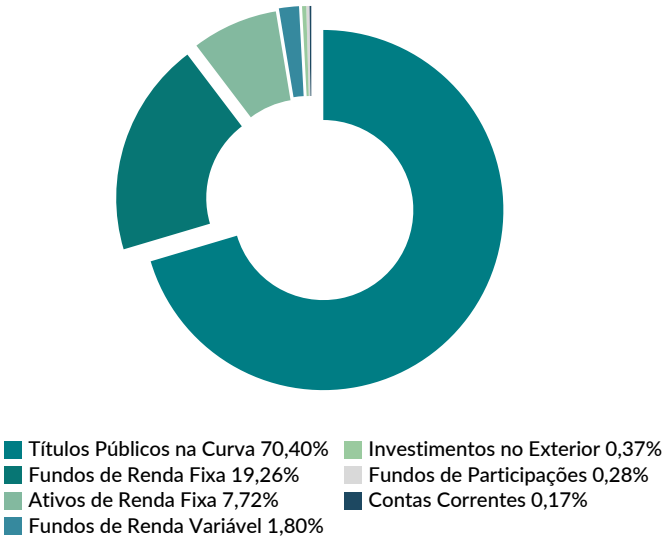
IPRESVEL

Os recursos do IPRESVEL são aplicados respeitando os princípios de segurança, legalidade, liquidez e eficiência. A diretoria do RPPS, assessorada pela SMI Consultoria de Investimentos, vem buscando estratégias para que as necessidades atuariais do Instituto sejam alcançadas de acordo com os prazos estabelecidos.

DISTRIBUIÇÃO DA CARTEIRA POR INSTITUIÇÃO FINANCEIRA



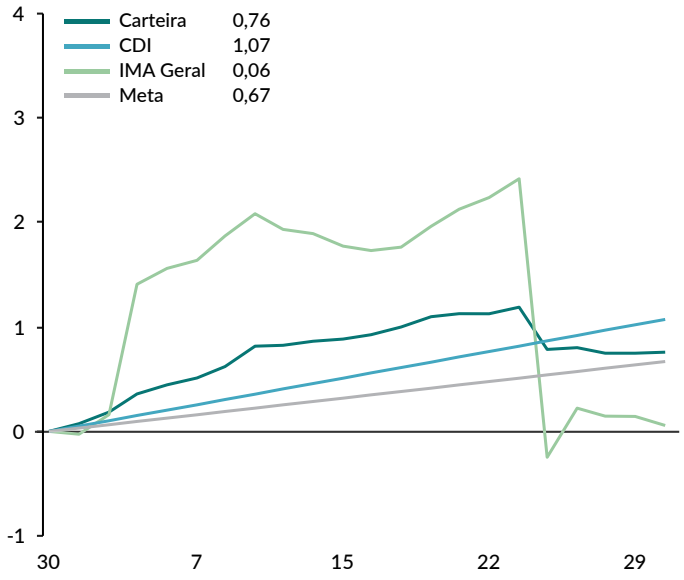
DISTRIBUIÇÃO DA CARTEIRA POR SEGMENTO



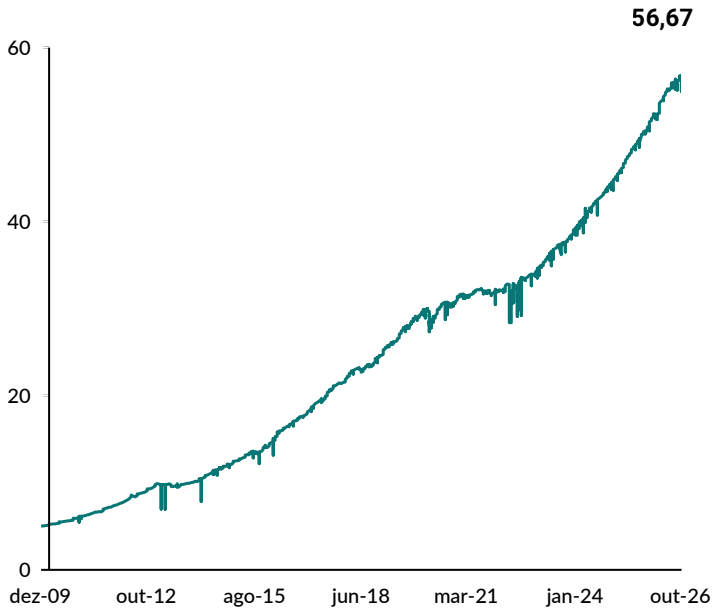
HISTÓRICO DE RENTABILIDADE

COMPARATIVO	NO MÊS	NO ANO	EM 12 MESES
IPRESVEL	0,76%	9,53%	11,17%
META - INPC + 5,51%	0,67%	9,01%	10,20%
CDI	1,07%	11,70%	14,25%
IMA GERAL	0,06%	10,18%	12,63%
IBOVESPA	-9,88%	4,22%	12,29%

RENTABILIDADE ACUMULADA NO MÊS (EM %)



EVOLUÇÃO DO PATRIMÔNIO (EM R$ MILHÕES)



O mês de outubro de 2026 foi marcado por uma forte reversão do desempenho dos ativos brasileiros, com a política eleitoral assumindo protagonismo na precificação dos mercados. Diferentemente de setembro, quando o Ibovespa avançou e o fluxo estrangeiro contribuiu para a valorização da bolsa, outubro terminou com uma deterioração expressiva dos preços dos ativos, concentrada sobretudo na última semana. O Ibovespa encerrou outubro aos 167.921 pontos, acumulando queda de 9,88%, seu pior resultado mensal desde junho de 2022. O dólar comercial, por sua vez, avançou aproximadamente 5,22%, encerrando o mês cotado a R$ 5,44. A mudança de percepção dos investidores em relação ao cenário eleitoral e às perspectivas para a política fiscal foi determinante para essa reversão.

O mercado acionário apresentou dois movimentos bastante distintos ao longo do mês. Na primeira metade de outubro, prevaleceu um ambiente de otimismo com os ativos brasileiros, alimentado pela expectativa de uma possível mudança na condução da política econômica, uma vez que o candidato à presidência Flávio Bolsonaro havia ficado à frente no primeiro turno da eleição. Nesse período, o Ibovespa chegou a superar os 208 mil pontos, enquanto o dólar se aproximou de R$ 5,00. O cenário mudou radicalmente com a definição do segundo turno e a reeleição de Luiz Inácio Lula da Silva, em 25 de outubro, que desencadeou uma forte reprecificação dos ativos. Já no pregão seguinte, a bolsa acionou o circuit breaker, mecanismo de interrupção temporária das negociações, após uma queda expressiva. Ao longo da última semana do mês, o Ibovespa recuou 18,12% e o dólar acumulou valorização de cerca de 9,15%, movimentos que evidenciaram a intensidade do ajuste nas posições dos investidores.

A inflação também voltou a ocupar posição central no debate econômico. O IPCA avançou apenas 0,14% no mês, após alta de 0,82% em setembro, resultado inferior às expectativas do mercado, que projetavam variação próxima de 0,26%. Apesar da desaceleração, a inflação acumulada em 12 meses passou de 4,58% para 4,63%, permanecendo acima do teto de 4,5% do intervalo de tolerância da meta. No acumulado de 2026, o índice registra alta de 4,10%. O resultado traz um respiro no curto prazo, embora ainda não indique uma convergência consistente para o centro da meta.

A desaceleração foi impulsionada principalmente pelos grupos Habitação e Transportes, que registraram deflação de 0,51% e 0,59%, respectivamente. Em Habitação, a principal contribuição veio da queda de 1,92% na energia elétrica residencial, favorecida pela mudança da bandeira tarifária amarela, vigente em setembro, para a bandeira verde em outubro, eliminando a cobrança adicional nas contas de luz. Em Transportes, destacaram-se as reduções de 9,21% nas passagens aéreas e de 0,56% na gasolina. Em sentido contrário, Alimentação e Bebidas apresentou a maior alta entre os grupos pesquisados, avançando 1,04% e contribuindo com 0,22 ponto percentual para o índice geral. A alimentação no domicílio foi pressionada principalmente pelas altas do tomate, da cebola, do arroz e das carnes, refletindo, entre outros fatores, condições de oferta e questões climáticas. Os índices de preços no atacado também permaneceram pressionados. O IGP-M avançou 1,47% em outubro, após alta de 1,57% em setembro, acumulando elevação de 4,97% no ano e de 5,24% em 12 meses. Embora tenha apresentado uma pequena desaceleração na margem, o indicador continuou refletindo pressões relevantes sobre os preços ao produtor, especialmente em um ambiente de elevação das commodities e dos custos de energia. O petróleo, em particular, apresentou valorização expressiva durante o mês, aumentando os riscos de repasse para os preços domésticos e dificultando uma melhora mais consistente das expectativas inflacionárias.

A política monetária brasileira permaneceu em compasso de espera durante outubro. Sem reunião do Copom no mês, a Selic foi mantida em 13,75% ao ano, após o corte de 0,25 ponto percentual realizado em setembro. A combinação entre inflação acumulada acima do teto da meta, expectativas desancoradas e incertezas fiscais e eleitorais reduziu o espaço para uma flexibilização monetária mais rápida. Ao longo do mês, o mercado ainda chegou a trabalhar com a possibilidade de novos cortes, mas a deterioração das expectativas após o resultado eleitoral alterou significativamente essa perspectiva. No fim de outubro, as opções de Copom negociadas na B3 indicavam probabilidade de 63,1% de manutenção da taxa em 13,75% na reunião seguinte, sinalizando uma mudança importante na percepção dos investidores.

As expectativas coletadas pelo Boletim Focus também sofreram uma deterioração relevante, especialmente na última semana do mês. Na pesquisa de 30 de outubro, a mediana para o IPCA de 2026 passou de 5,19% para 5,22%, enquanto a projeção para 2027 avançou de 4,34% para 4,76%. Para a Selic, a estimativa de encerramento de 2026 subiu de 13,25% para 13,50%, enquanto a projeção para 2027 passou de 11,75% para 12,50%. A expectativa para o dólar ao final de 2026 também apresentou forte revisão, passando de R$ 5,05 para R$ 5,34. Já a projeção de crescimento do PIB de 2026 recuou de 1,80% para 1,76%. As alterações evidenciaram como a incerteza política e fiscal afetou não apenas os preços dos ativos, mas também as perspectivas para inflação, juros e crescimento econômico.

No campo da atividade econômica, os indicadores disponíveis apontaram para uma economia ainda resiliente, embora com sinais de desaceleração. O IBC-Br avançou 0,3% em agosto, na comparação com julho, acumulando crescimento de 1,6% em 12 meses. A indústria apresentou expansão de 0,9% no período, enquanto os serviços avançaram 0,2% e a agropecuária recuou 1,8%. No mercado de trabalho, a taxa de desocupação ficou em 5,2% no terceiro trimestre, o menor patamar já registrado para esse período desde o início da série comparável em 2012. A combinação entre atividade ainda positiva e mercado de trabalho aquecido continuou representando um desafio para o processo de desinflação, uma vez que a demanda doméstica permanecia relativamente forte.

Nos Estados Unidos, outubro foi marcado pela manutenção dos juros pelo Federal Reserve e pela persistência das preocupações inflacionárias. Na reunião de 28 de outubro, o Fed manteve a taxa básica entre 3,75% e 4,00% ao ano, decisão

que já era amplamente esperada pelo mercado. Entretanto, a votação não foi unânime: dois dirigentes defenderam uma elevação de 0,25 ponto percentual, evidenciando a preocupação de parte do Comitê com a inflação ainda elevada. O comunicado reforçou que as próximas decisões dependeriam da evolução dos indicadores econômicos, sem oferecer sinalizações claras sobre os próximos passos da política monetária.

Os indicadores de inflação americanos reforçaram a postura cautelosa do banco central. O índice de preços de gastos com consumo pessoal (PCE), principal referência inflacionária do Fed, avançou 0,5% em setembro, após alta de 0,3% em agosto. Na comparação anual, o indicador acelerou de 3,4% para 3,6%, permanecendo significativamente acima da meta de 2%. A elevação dos preços da gasolina e de outros bens contribuiu para o resultado, enquanto os gastos dos consumidores permaneceram relativamente robustos. Esse comportamento reduziu a perspectiva de flexibilização monetária no curto prazo e manteve os rendimentos dos títulos do Tesouro americano em níveis elevados.

Outro fator de pressão sobre os mercados internacionais foi o desempenho das empresas de tecnologia e as dúvidas relacionadas à sustentabilidade dos investimentos em inteligência artificial. Após um período de forte valorização, os investidores passaram a questionar o ritmo de crescimento dos investimentos em infraestrutura tecnológica e a capacidade de geração de resultados das principais empresas do setor. A realização de lucros e a maior seletividade dos investidores contribuíram para a queda das bolsas americanas, ampliando o movimento de aversão ao risco. Esse ambiente desfavorável também afetou os mercados emergentes, contribuindo para a redução da exposição a ativos considerados mais arriscados.

Em síntese, outubro foi um mês de forte reprecificação dos ativos brasileiros, em que o resultado eleitoral e as incertezas sobre a condução da política fiscal se sobrepuseram a um quadro de atividade resiliente e mercado de trabalho aquecido. A deterioração das expectativas de inflação, juros e câmbio reduziu o espaço para novos cortes da Selic, enquanto o ambiente externo, marcado pela inflação ainda elevada nos Estados Unidos e pela cautela com o setor de tecnologia, ampliou a aversão ao risco sobre os emergentes.